

SEU REI BOCA DE FORNO

ROSINHA

Suplemento do Professor
Elaborado por Maria Elaine Andreoti



EDITORA *do* BRASIL

Para começar

Cultura popular é cultura

Afinal, o que é cultura? Onde podemos encontrá-la? Nos livros, nos museus, nos novos suportes digitais? Nas festas tradicionais, nas cantigas de roda? As respostas, talvez tão óbvias para alguns, revelam perspectivas muito variadas e que comumente geram dissensos entre as pessoas.

A noção de cultura é determinada por aspectos sociais e individuais, públicos e privados, por isso é difícil explicá-la sem, ao mesmo tempo, arriscar-se a limitá-la a um modelo. Há tipos de cultura – geralmente das chamadas esferas eruditas – que têm mais prestígio, enquanto outras – que exprimem a tradição de comunidades e grupos menos favorecidos ou afastados das grandes cidades – são consideradas pitorescas ou, então, são abertamente discriminadas.

É por meio de critérios arbitrários e subjetivos que se define o que deve ganhar *status* de patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, se excluem manifestações riquíssimas. No entanto, com o passar do tempo, esse tipo de julgamento pode causar um sério prejuízo à identidade cultural dos povos, pois mutila a memória e permite que as lacunas sejam preenchidas por uma cultura artificial, de empréstimo.

Desse modo, ao falar de cultura, devemos pensar numa comunidade, num país, num continente... num mundo de possibilidades. A cultura se manifesta na praça e no museu, no sertão do Nordeste e nas comunidades ribeirinhas do Norte, na orquestra, na literatura, na roda de capoeira e na avó que acalenta seus netos. Pode ser resgatada nas brincadeiras de rua, na memória e na fala das pessoas, que produzem e reproduzem cultura o tempo todo.

Literatura na ponta da língua

A **Coleção Akpalô – Cultura Popular** (*Akpalô* é uma palavra de raiz africana que significa “contador de histórias”) procura resgatar um pouco dessa riqueza cultural que sobrevive na memória e ainda é pouco encontrada em livros e em outros registros. Ela reúne histórias criadas e recriadas por meio de diversos gêneros da literatura oral: conto acumulativo, adivinhas, trava-línguas, parlendas, cantigas de roda, quadrinhas, entre outros.

Voltados, sobretudo, para o público infantojuvenil, os textos reunidos nesta coleção despertam nas crianças o prazer da leitura, pois trabalham com enredos simples e lúdicos que os tornam, desse modo, uma importante ferramenta no ensino de Língua Portuguesa, Literatura e, também, de outras disciplinas que abordam o folclore e temas afins.

Seu Rei Boca de Forno

A palavra “parlenda” tem origem no termo italiano *parlanda*, que significa tagarelar. Entretanto, uma parlenda é muito mais que palavras soltas: é poesia, musicalidade e memória. Pelo fato de esses versinhos terem temáticas e rimas simples, ninguém precisa efetivamente aprender ou ensinar a declamá-los, mas não há quem não saiba fazê-lo. Além disso, como a forma e o som das parlendas são mais importantes do que a mensagem, somente falantes nativos de uma língua podem compreendê-las, fazendo delas um traço identitário muito marcante.

Em *Seu Rei Boca de Forno*, o leitor terá a oportunidade de rever uma série de parlendas, algumas célebres e outras menos conhecidas, dispostas numa lógica que remete a uma brincadeira bem popular: “Seu rei mandou” (que é uma variação de “Seu mestre mandou”). Nela há uma ordem que precisa ser cumprida, sempre iniciada pelo verso “Boca de forno”. No livro, esse começo da parlenda funciona como uma introdução, enquanto “Seu rei mandou” torna-se o fio condutor, sempre com uma ordem diferente a ser executada. Cada parlenda, portanto, apresenta-se como resposta ao tema dado, e a leitura transforma-se numa brincadeira que pode ir muito além das páginas do livro.

Propostas de atividades

Leitura em voz alta

Proponha aos alunos uma roda de leitura. Essa forma de organizá-los facilita a interação e potencializa a concentração, além de deixar a atividade mais descontraída. Peça que cada aluno leia uma parlenda em voz alta, mas deixe um responsável pela leitura da introdução “Seu rei mandou dizer...” Depois, chame a atenção para o uso de rimas e sons repetidos, comuns nas parlendas – assim como

ocorre em poemas e músicas –, e como eles facilitam a memorização dos versos, que originalmente eram declamados nas chamadas brincadeiras “de rua”, mas hoje se fazem presentes em outros ambientes, como escolas, condomínios e clubes.

A estrutura da história

Após a primeira leitura, pergunte aos alunos se eles reconhecem um fio condutor que liga as parlendas da primeira à última. É possível que não percebam de início, mas explique que sua estrutura assemelha-se com a brincadeira “Seu mestre mandou”, em que um dos jogadores, após repetir essa oração, inventa tarefas para que os outros participantes as cumpram. Do mesmo modo, no caso do livro, “Seu Rei” lança um mote que pede uma parlenda correspondente. Por exemplo, a primeira parlenda apresentada lança o desafio e o “castigo”:

– SE EU MANDAR? – VOU!
– E SE NÃO FOR? – APANHA!!!!

As demais acompanham a indicação do rei, como em:

SEU REI MANDOU DIZER QUE ME TROUXESSE
OS DIAS DOS MESES PARA APRENDER.

E a resposta:

TRINTA DIAS TEM SETEMBRO
ABRIL, JUNHO E NOVEMBRO
VINTE OITO SÓ HÁ UM
OS DEMAIS SÃO TRINTA E UM.

Depois, releia cada uma das parlendas e proponha que eles descubram a relação entre o comando e a “resposta”. Por exemplo:

SEU REI MANDOU DIZER QUE ME TROUXESSE
UM AMOR PARA VIVER.

Nesse caso, a parlenda só poderia ser uma que falasse de amor. Você pode dar outras opções para cada tema e pedir que eles também participem, caso se lembrem de alguma. No caso em questão, por exemplo, “Papagaio louro” poderia ser substituído por:

CHUVA E SOL
CASAMENTO DE ESPANHOL
SOL E CHUVA
CASAMENTO DE VIÚVA.

Ao final, proponha que as crianças brinquem de “Seu mestre mandou” em um pátio, jardim ou outro local onde elas tenham espaço para se mover à vontade.

Pesquisa sobre parlendas populares

Pergunte aos alunos se eles conhecem outras parlendas, chamando a atenção para o fato de que elas podem ser acompanhadas de jogos e brincadeiras (como “Fulano roubou pão na casa do João”, entre outras) e, ainda, podem sofrer variações de palavras e personagens de acordo com a idade ou a região do falante. É o caso, por exemplo, de “Quem cochicha o rabo espicha”, também conhecida como:

QUEM COCHICHA O RABO ESPICHA
QUEM RECLAMA O RABO INFLAMA.

Depois, peça que façam uma pesquisa em casa sobre quais parlendas são conhecidas pelos pais, tios, avós e primos de cada aluno. Elas deverão ser anotadas e lidas em sala de aula e, se houver diferenças, comparadas (no caso de haver repetições, não é necessário que sejam relidas).

Esse levantamento pode trazer dados muito interessantes sobre as semelhanças e diferenças regionais de cada família, além de aumentar nas crianças o repertório de versos e brincadeiras.

Telefone sem fio

Peça às crianças que se sentem no chão formando uma roda. Depois, diga a uma delas, em voz baixa, uma frase qualquer. Peça a cada uma que repita a frase no ouvido do colega ao lado, sem deixar que mais ninguém ouça. O último a receber a informação, fechando a roda, deverá dizê-la em voz alta. Repita a brincadeira de modo que cada criança possa formular uma frase diferente. Chame a atenção para o fato de que é comum que a frase inicial não seja igual àquela que foi revelada, e que, do mesmo modo, as parlendas e outros gêneros da tradição oral sofrem variações de acordo com o tempo e o espaço. Por

isso, algumas apresentam versos diferentes. (Para enfatizar essas diferenças, propusemos também o exercício 3 do Suplemento de Atividades.)

Essa atividade, que não deixa de ser uma brincadeira, também é uma forma de sensibilizar os alunos sobre as mudanças comuns pelas quais uma língua passa ao ser empregada por diversos falantes em diferentes locais e circunstâncias.

Ilustrando parlendas

Proponha aos alunos que ilustrem, seja por desenho ou colagem, sua parlenda preferida. Oriente-os

a não revelar sua escolha para que, ao final, as obras sejam expostas em um mural na sala de aula, e cada aluno tente adivinhar o que seu colega ilustrou.

Essa atividade é interessante porque, além de proporcionar aos alunos que usem a criatividade, oferece um desafio: como dar plasticidade a uma forma verbal que não representa um sentido literal? Como se fazer entender sem o uso das palavras? Assim, eles perceberão que nem sempre “uma imagem pode dizer mais que mil palavras”; que cada qual tem sua função e importância no processo de representação do mundo.

Respostas do Suplemento de Atividades

- As respostas apresentadas são apenas sugestões.
 - Seu rei mandou dizer que me trouxesse um chocolate para eu comer ou um chocolate para eu morder.
 - Seu rei mandou dizer que me trouxesse um livro para eu ler.
 - Seu rei mandou dizer que me trouxesse um copo de água para eu beber.
- É o mês de fevereiro, que tem exatos 28 dias (exceto em anos bissextos, em que tem 29); mas pode também ser uma pegadinha, pois todos os outros meses do ano, mesmo tendo 30 ou 31 dias, também têm 28 dias.
 - Janeiro, março, maio, julho, agosto, outubro e dezembro.
- Professor, oriente os alunos a prestar atenção ao completar as lacunas com os novos personagens. Para que a história faça sentido, é preciso que haja algumas repetições. As respostas a seguir são apenas sugestões.

CADÊ O TOICINHO DAQUI?
O CÃO COMEU.
CADÊ O CÃO?
FOI PRO VAGÃO.
CADÊ O VAGÃO?
O FOGO QUEIMOU.
CADÊ O FOGO?
A ÁGUA APAGOU.
CADÊ A ÁGUA?
O MACACO BEBEU.

CADÊ O MACACO?
FOI FAZER UM BURACO.
CADÊ O BURACO?
A GALINHA TAMPOU.
CADÊ A GALINHA?
FOI CHOCAR O PINTINHO.
CADÊ O PINTINHO?
O GAVIÃO COMEU.
CADÊ O GAVIÃO?
FOI EMBORA DE AVIÃO.

- Pelos elementos que compõem a história – a bruxa, a noite, o castelo assombrado e a faca –, dá a entender que é uma história de terror.
 - Não, pois seria uma cena normal, cotidiana. A graça da história é justamente a bruxa, que geralmente é a malvada das histórias, executando uma ação tão comum quanto passar manteiga no pão.
- Professor, oriente os alunos a fazer o contorno da mão no papel passando um lápis em volta de cada dedo.

a) Os alunos devem escrever os apelidos dos dedos na imagem em sequência: do menor dedo (mindinho) para o dedão (mata-piolho).

b) Mindinho: menor de todos os dedos. Seu vizinho: o que está do lado do mindinho, também conhecido como anelar por ser aquele em que geralmente se usam anéis. Na parlenda, esse nome não aparece por causa da rima (“mindinho” com “vizinho”). Maior de todos: é o dedo mais comprido. Fura-bolo: é o dedo que aponta e, por extensão, o que geralmente se usa para cutucar e furar. Mata-piolho: em geral, para espremer o piolho, é preciso unir a unha do dedão esquerdo com a do direito. Caso haja dúvidas, mostre aos alunos a posição referida.

c) Oriente os alunos a nomear os dedos de acordo com as características de cada um, mas permita que eles criem livremente.

- Serra, serra, serrador,
serra o papo do vovô.
Quantas tábuas já serrou?

Professor, originalmente, essa parlenda é acompanhada de roda ou então um adulto segura a criança em seu colo e, de frente para ela, faz movimentos para a frente e para trás, balançando de acordo com o número que ela responder à pergunta “Quantas tábuas já serrou?” No entanto, propomos aqui um novo jogo, mais ágil e lúdico.

Regras do jogo: A turma deverá formar uma roda. Depois, uma criança será escolhida e terá seus olhos vendados, ficando no centro da roda. As outras crianças declamarão os versinhos, e ela deverá responder com um número à pergunta: “Quantas tábuas já serrou?”

Depois disso, ainda vendada, ela se dirigirá aos colegas e escolherá um deles. A partir deste, em sentido horário ou anti-horário, ela deverá contar um por um até o número escolhido. Este deverá declamar uma parlenda ou pagar um “mico” (que será decidido pela turma e pelo professor). Após realizar a tarefa, será a vez de ele ser vendado e escolher outro colega, e assim sucessivamente. Professor, sugerimos que o “castigo” seja decidido em conjunto para que você possa considerar se a brincadeira não será ofensiva nem constrangedora.

- Professor, esta atividade propõe que os alunos recontem a parlenda por meio de imagens. De início, é interessante apresentar-lhes como são as tirinhas, por meio de jornais, revista ou sites de internet. Sugerimos um que reúne muitas da Turma da Mônica: <www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>.

Depois que eles estiverem mais familiarizados com as tirinhas, oriente-os a dividir o espaço em três ou quatro quadros e usar cada um deles para representar a cena e as ações como preferirem.